

NOÇÕES DE MASCULINIDADE(S) NO ENSINO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA*

Rafael Marques Garcia

rafa.mgarcia@hotmail.com

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

egiuseppe@eefd.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo problematizar e analisar as noções de masculinidade(s) na formação de professores de Educação Física na UFRJ. A pesquisa se deu a partir da observação, seleção e sistematização descritiva, buscando aporte no modelo de etnografia cultural. Os resultados indicaram que os princípios heteronormativos possibilitam a exacerbação da masculinidade mais tradicional, contendo elementos ditos hegemônicos e que menosprezam as demais masculinidades subalternizadas a essa.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidades; Educação Física; Formação de professores

INTRODUÇÃO

Diante do cenário de formação de professores de Educação Física, Lüdorf (2010) aponta a necessidade emergente de se analisar como pensam esses estudantes do ensino superior, pois estes contribuem para a construção de valores, sentidos e significados ao universo do corpo. Vale lembrar que o professor universitário de Educação Física também deve ser contemplado nesta gama de intercessão, uma vez que “[...] trabalha na formação dos demais professores de Educação Física, lida, em sua prática pedagógica, com os corpos de seus alunos, teórica ou praticamente” (LÜDORF, 2005, p. 243), indicando, possivelmente, determinadas influências de atuação e intermédio nos tratos com/sobre os corpos e os aspectos neles circunscritos.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



Logo, torna-se necessário manter a continuidade das discussões sobre a prática pedagógica de docentes e a formação de professores na área de Educação Física. Neste tocante, explorar aspectos concernentes a gênero, sexualidades, orientação sexual e masculinidade(s) durante esse processo de formação desponta como um leque engrandecedor dessas possibilidades, propiciando a problematização de conceitos já tão arraigados no campo e que ainda perduram, sob novos e disfarçados paradigmas.

Sendo assim, essa pesquisa teve por objetivo problematizar e analisar as noções de masculinidade(s) na formação de professores de Educação Física em uma das principais universidades federais do Brasil, a UFRJ, buscando responder à seguinte pergunta: de que maneira os discursos e ocorrências se manifestam pelos corpos docente e discente da IES palco da pesquisa?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na busca em responder a questão e atingir nossos objetivos, trilhamos pelos procedimentos metodológicos de observação, seleção e sistematização descritiva, buscando aporte no modelo de etnografia cultural. Desta forma, elaboramos procedimentos para observar, registrar e analisar adequadamente nossos achados através de etapas de análise (SEFFNER, 2010). Foram observadas quatro turmas, sendo uma de futebol, uma de capoeira, uma de folclore e uma de voleibol, durante os encontros das disciplinas distribuídos em um período letivo.

Todo material coletado foi registrado em diários, divididos pelos dias em que as aulas e suas ocorrências se manifestaram. Para este estudo em questão, trazemos 4 cenas para análise, sendo elas ocorridas em cada uma das disciplinas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os eventos referem-se principalmente às masculinidades e quais ações podem ser ou são permitidas para sujeitos contemplados por este arranjo. O conceito de masculinidade(s) encontra alicerce em Brito e Leite (2017), que o entendem como configuração provisória e instável de práticas em torno de homens que o fazem e/ou do que esperam que eles façam em uma teia de configurações plurais e hierarquizadas. Neste sentido, existem diversas masculinidades, sendo a melhor reconhecida – e almejada – aquela dita hegemônica, mais forte, viril, potente, calculista, etc.

CENA 1 | CAPOEIRA | 13/03/2017

Na atividade, os alunos formaram duplas por proximidade e tiveram de gingar juntos. O professor fez mais correções. Num determinado momento, parou a aula para corrigir a turma como um todo, afirmando que cada aluno possui um jeito de gingar assim como cada um possui seu jeito de dançar. Disse ainda que sabia dançar balé clássico e dançava tudo o que precisasse, pois em suas palavras, “na minha época homem tinha que saber dançar pra pegar mulher!”

Levando em conta preceitos masculinizantes presentes nos diálogos de formação, temos, nesta cena, o professor de capoeira expondo sua vivência anterior em dança sob a justificativa de que, em sua época, dominar esta arte era uma forma obrigatória para seduzir as mulheres. Analisando sua frase, percebe-se a dança não como atividade para explorar a corporalidade masculina, mas sim como instrumento incorporado para atrair mulheres, ou seja, na esfera heteronormativa, a dança só seria permitida àquele homem que se apropriasse da mesma para flertar.

A dança neste universo encontra-se caracterizada como vivência corporal exclusiva ao feminino, produzindo assim espaços simbólicos e linguagens relacionais que, atrelada ao jogar, lutar, dançar e brincar representam possibilidades “[...] de expressar afetos e sentimentos, de explicitar desejos, de seduzir, de exibir-se [...] dentro de certos padrões estabelecidos pela própria cultura, o que envolve valores, normas, atitudes, conceitos e, inevitavelmente, preconceitos” (PEREIRA et al, 2015).



CENA 2 | VOLEIBOL | 05/01/2016

Na turma EFC, a aluna F.C. apresentou uma dinâmica em círculo, onde um aluno encontrava-se vendado e os demais cantavam uma música, ao término da mesma, outro aluno emitia o som de um gato ao miar, devendo o primeiro citado descobrir quem havia emitido determinado som. No momento de se posicionar em círculo, os alunos deveriam dar as mãos. O aluno M.S. notou que, ao seu lado, o aluno V.O. (homossexual) havia lhe estendido o braço, porém reagiu da seguinte forma: fingiu não ter visto, lançando o olhar ao longe e aguardando que outro aluno se posicionasse entre ele e V.O., evitando assim seu contato físico com o referido colega.

CENA 3 | FOLCLORE | 31/08/2017

Quando foi sugerido que os pares trocassem, eles mantiveram os mesmos padrões de anteriormente. O aluno I.A. (aluno trans não-binário e que hoje apareceu na aula com as unhas das mãos e pés pintadas com esmalte roxo), que estava ao lado de A.M., apresentou-se para ser sua dupla, no entanto A.M. ignorou essa solicitação e juntou-se com a aluna T.R. do outro lado da quadra, restando a I.A. ter que cruzar a sala em busca de outro par.

As ações de repulsa, incômodo, desprezo e afastamento aqui destacadas materializam-se através de uma lógica homofóbica e fundamental para a preservação de uma masculinidade confiável. Esse tipo de manifestação surge como mecanismo protetor da heterossexualidade, sendo esquematizada por um conjunto complexo de ações recriminatórias que variam desde a repulsa externalizada de ser/tornar-se não-heterossexual à inferiorização e marginalização dos sujeitos não pertencentes à ordem clássica e inteligível dos gêneros (LOURO, 2010).

Corroborando com Rosa (2004), foi possível perceber a conotação negativa que a homossexualidade carrega no processo de formação de professores em Educação Física. O autor identifica duas facetas pelas quais a homofobia materializa essa denotação no espaço universitário: 1- veladamente, onde ocorre o distanciamento de homossexuais supostos ou declarados, “[...] esses sujeitos são ora isolados das relações sociais, ou ora se isolam, pois não é tarefa fácil, lutar contra o preconceito” (ROSA, 2004, p. 111) e; 2- transfigurada em brincadeiras e/ou dizeres pejorativos/ridicularizantes.

CENA 4 | FUTEBOL | 26/04/2017

Nos últimos dez minutos de aula prática, o professor então aplicou um jogo livre às equipes. Nesta ocasião, a aluna C.C., única mulher presente, continuou sentada fora de quadra apenas observando. Os times, identificados como com camisa (A) e sem camisa (B), desenvolveram um jogo aguerrido e disputado, com disputas de bola firmes, chutes potentes e *performance* exacerbada num ritmo muito intenso. O aluno D.T. chegou a reclamar da brutalidade de um colega, dizendo: “Entra mais devagar cara, no jogo não se faz isso não!”.

Neste sentido, reforça-se a premissa de que o masculino deve ser educado para a superioridade, conferindo-lhe vaidades competitivas, ativas, destemidas, calculistas, racionais e potentes (LOURO, 2010; BRITO; LEITE, 2017). Essas qualidades humanas são interpretadas culturalmente como masculinas, o que contorna homens de mais poder, trazendo consigo uma consequência/categoria relacional: afetados pelo processo de tornar-se homem, de constantemente se assemelhar a uma máquina, ater-se ao desempenho, rendimento e supressão de sentimentos, os homens tornam-se e têm “[...] muitas vezes, emocionalmente limitados [...] saúde mais precária e uma expectativa de vida menor do que as das mulheres [...] vistos como ‘os custos de se estar no topo’” (OLIVEIRA, 1998, p. 112).

Neste discurso, o papel social do homem sustenta seu poder, inclusive nos espaços de aprendizagem, porém esta mesma capacidade configura-se como estressante e terrivelmente frágil no que tange às



masculinidades, já que esta, por si só, não seria uma realidade biológica e inerente, mas sim uma gama de comportamentos preditos e desejáveis aos alunos em questão. Pelo exposto, percebemos que o grupo de homens se empenha em comprovar sua(s) masculinidade(s) através do uso da força, da velocidade e da potência, além de vigiar os colegas e sempre colocar em suspeição outra(s) masculinidade(s) (vide cenas 2 e 3).

Brito e Leite (2017) reafirmam que a construção das masculinidades se dá sobre características inerentes, onde as particularidades mais frágeis e emocionais, entendidas como femininas, configurariam uma imagem deturpada e subversiva de ser e estar masculino. A arquitetura da masculinidade socialmente esperada – mais hegemônica – é um processo árduo que transforma rapazes em máquinas supressoras de sentimentos e produtoras de brutalidade, trazendo consigo maior descuido com a integridade física. A estruturação desse modelo androcêntrico desponta como uma necessidade quase que inerente aos rapazes, por vezes cruel e extremamente debilitadora, mas que tenuamente narram as práticas corporais analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios heteronormativos cultuados nos momentos analisados possibilitam a exacerbação da masculinidade mais tradicional, contendo elementos ditos hegemônicos e que menosprezam as demais masculinidades subalternizadas a essas. Ainda, revelam sutilmente um pensamento heterossexual eugênico, que por vezes é acionado para manter íntegra a masculinidade do corpo social em questão. É alarmante que estes aspectos não estejam sendo problematizados ou questionados, contribuindo para a manutenção da soberania masculina heterossexual, hegemônica e sexista.

NOTIONS OF MALE(S) IN HIGHER EDUCATION OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

We aim to problematize and analyze the notions of masculinity(ies) in the formation of Physical Education teachers in UFRJ. The research was based on the observation, selection and descriptive systematization, seeking contribution in the model of cultural ethnography. The results indicated that the heteronormative principles allow the exacerbation of the more traditional masculinity, containing elements called hegemonic and that disparage the other alternative masculinities subordinated to its.

KEYWORDS: *Masculinities; Physical Education; Teacher Training.*

CONCEPTOS DE MASCULINIDAD(ES) EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR DE EDUCACIÓN FÍSICA

Objetivamos problematizar y analizar las nociones de masculinidad(es) en la formación de profesores de Educación Física en la UFRJ. Investigamos a partir de la observación, selección y sistematización descriptiva, buscando aporte en el modelo de etnografía cultural. Los resultados indicaron que los principios heteronormativos posibilitan la exacerbación de la masculinidad más tradicional, conteniendo elementos dichos hegemónicos y que menosprecian las demás masculinidades subalternizadas a esta.

PALABRAS CLAVES: *Masculinidades; Educación Física; Formación de profesores.*



REFERÊNCIAS

- BRITO, L. T.; LEITE, M. S. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 2, p. 481-500, maio/ago. 2017.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (orgs). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.
- LÜDORF, S. M. A. A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 2, p. 243-255, jul./dez. 2005.
- LÜDORF, S. M. A. Formação de professores de Educação Física: retratos de uma instituição. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, Cristalina, v. 2, n. 1, p. 126-136, jul. 2010.
- OLIVEIRA, P. P. Discursos sobre a Masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 6, n. 1, p. 91-114, jan. 1998.
- PEREIRA, E. G. B. et al. Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2015.
- ROSA, M. V. *Educação Física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Florianópolis. 2004.
- SEFFNER, F. Entendendo os mecanismos de produção da diversidade e da desigualdade. In: CAREGNATO, Célia (Org.). *Módulo III: diversidade étnica, de gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Editora Gráfica Benvenuti, 2010. p. 7-44.

